

Criticado fim do

nomia

TERÇA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 1988

contrato de risco

Decisão da Constituinte sobre exploração de recursos minerais recebe críticas do Financial Times e de empresários ingleses

JOSÉ CARLOS SANTANA
Nosso correspondente

LONDRES — A decisão da Assembléia Constituinte de reservar o controle da indústria de mineração para brasileiros, e de acabar com os chamados contratos de risco para prospecção de petróleo, continua repercutindo na Europa. A decisão ontem do **Financial Times** dedicou meia página ao assunto, e termina o longo artigo dizendo que o Brasil, ao escolher um caminho menos rápido e menos eficiente para a exploração dos seus recursos naturais, vai continuar sendo o país do futuro.

Nos meios empresariais, poucos arriscam-se a comentar a questão abertamente, e o argumento que usam é que não podem dar opinião com base no que leram em jornais. Um deles comparou o Brasil a uma criança que "prefere continuar engatinhando a ficar de pé". Outro disse que "o Brasil perdeu uma grande oportunidade de dar um salto para o futuro". E um terceiro criticou severamente os empresários brasileiros, afirmando que "eles querem ter tudo e não ceder nada".

A matéria do **Financial Times** é assinada por Ivo Dawnay, correspondente do jornal no Rio de Janeiro. Ele inicia o artigo falando da maioria surpreendente conseguida pelos nacionalistas na votação das novas leis econômicas, e do flagrante descompasso entre o pensamento brasileiro e do resto do mundo:

"Enquanto governos dos Estados Unidos e até a União Soviética estão propondo a interdependência e lutando para atrair investimentos, o Brasil — orgulhoso, independente, próximo da falência — decidiu mostrar aos estrangeiros a porta de saída."

O correspondente do mais importante e mais lido dos jornais de economia e finanças da Europa — bíblia e porta-voz da comunidade financeira britânica — manifesta sua surpresa diante da presença dos centristas na combinação de forças que garantiu a aprovação das novas leis, e cita as críticas feitas pelos jornais sérios à legislação como um exemplo, também, da falta de sintonia entre os políticos e a sociedade brasileira.

Menos compreensível, diz o **Financial Times**, é a posição dos militares, "alguns dos quais acreditam que o Brasil pode manter monopólios ou cartéis em setores considerados de segurança nacional e, mesmo assim, manter-se na vanguarda tecnológica, sem qualquer estratégia ou programa econômico para financiá-la".

A maior culpa, no entanto, de acordo com o pensamento liberal, seria das empresas nacionais, que "vêm a manipulação dos sentimentos nacionalistas em Brasília como um caminho seguro para obtenção de lucros sem o temor da competição ou de arriscar investimentos".

O artigo do jornal inglês fala da mentalidade pluralista dos brasileiros e da possibilidade de que nenhuma das leis aprovadas seja tomada ao pé da letra. Seja como for, reconhece abertamente que a maioria dos estrangeiros contornará as regras apontando testas-de-ferro brasileiros para assumir os 51% das ações com direito a voto.

E, finalmente, depois de comentar que nem tudo parece perdido, e que é possível olhar para a situação também com otimismo, o correspondente do **Financial Times** conclui o artigo lamentando que, com as medidas aprovadas pela Constituinte, mais uma vez o Brasil atrasou a chegada do futuro.